

LEITORES DE *HARRY POTTER*: ENTRE LIVROS, LEITURAS, TELAS, ENCONTROS

Luiza Trópia SILVA

Universidade Federal de Minas Gerais

luizatropia@gmail.com

RESUMO: Este artigo tem como fio condutor levar o leitor à uma reflexão sobre os leitores de *Harry Potter* e suas práticas de leitura. Livros como *Harry Potter* são usualmente negligenciados nas instituições de prestígio e legitimadoras da literatura na nossa sociedade, como a escola e a academia, mas isso não impediu que ele fosse rapidamente absorvido pela sociedade brasileira. A proposta parte de pesquisa bibliográfica e de dados de uma biblioteca pública de Belo Horizonte, onde um questionário foi aplicado aos participantes de um encontro sobre *Harry Potter* promovido semestralmente. Partindo-se de alguns desses dados, tive a oportunidade de fazer um levantamento inicial sobre o perfil dessas crianças/jovens e de algumas de suas práticas de leitura. Abordei a formação de leitores fora do contexto escolar e a formação de comunidades de leitores que alimentam as discussões sobre os livros da série, expandindo-a a outros espaços além do espaço livro, como a internet. Esses livros foram escolhidos por representarem um dos mais recentes *boom* de leitura por crianças, jovens e adultos. Procuro também apontar as principais correntes da crítica literária a respeito dos livros e apresentar reflexões sobre as instituições legitimadoras da leitura e qual o papel dos leitores nessa legitimação.

PALAVRAS-CHAVES: letramento literário; *best-sellers*; formação de leitores

Conheço muitos jovens que leram *Harry Potter* sem que isso tivesse prejudicado outras leituras, inclusive a de Machado de Assis. A leitura é um processo automultiplicador, não existem regras rígidas para desenvolver o hábito. (José Mindlin, em entrevista a Juliana Cunha, *Folha de São Paulo*, 2009)

1. *Best-sellers* na formação de leitores

Este trabalho tem por objetivo discutir a leitura literária de *best sellers* por jovens leitores, com o foco em uma série que foi muito vendida em vários países do mundo, entre os quais o Brasil. Trata-se da conhecida série *Harry Potter*, da escritora escocesa J. K. Rowling, que teve os primeiros livros publicados no Brasil no ano 2000 (em um ano foram publicados três livros da série por editora brasileira).

Parte-se do pressuposto de que, se os *bestsellers* podem ter vida curta – o que não se pode prever –, eles podem ser favoráveis à formação de leitores que, a partir dessa experiência, poderão passar a outras mais duradouras. Essa categoria de livros, muitas vezes apagada para o projeto de leitor que se constrói nas instituições “letradas”, costuma ser negligenciada quando se avaliam os repertórios de leitura literária de crianças e jovens, e até mesmo de adultos. Considera-se, neste trabalho, que o conhecimento de práticas não escolares de leitura, como é o caso do fenômeno em questão, pode propiciar a melhor compreensão dos

interesses dos leitores jovens, que muitas vezes são tomados como apáticos e avessos ao envolvimento com propostas de leitura literária em ambiente escolar.

Qual seria o papel de um *bestseller*? Divertir? Passar o tempo? Promover a experiência literária da ficção junto a seus leitores? Iniciá-los no caminho da leitura literária? Apresentar, de maneira discreta, outros livros, que, diferentemente da categoria na qual estão inseridos, são considerados como a grande literatura? É necessário também discutir os livros que são produzidos e direcionados para o público leitor de *bestsellers*, quando esta intenção está colocada desde o início do projeto e, portanto, orienta a sua trajetória de circulação.

O sucesso arrebatador e inesperado, pelo menos inicialmente, de *Harry Potter* provocou uma enxurrada de críticas, positivas e negativas, às aventuras do menino aspirante a bruxo. O primeiro livro da saga de *Harry Potter* (*Harry Potter e a pedra filosofal*) foi lançado há mais de dez anos e encantou crianças, adolescentes e adultos do mundo inteiro.

O que podia ter sido apenas um prognóstico tornou-se uma tendência confirmada: a cada novo volume editado, aumentaram os índices de produção e os leitores se multiplicaram em ordem geométrica, transformando *Harry Potter* em um típico produto culturalmente mundializado; e a série ocupou – e ocupa até hoje – um lugar significativo no mercado de bens simbólicos e provocou, durante todos esses anos, reações positivas ou negativas, sempre acaloradas, por parte dos agentes dos campos literário e editorial. (BORELLI, 2010, p. 382/383)

Após sete livros e dez anos, a história de Harry chega ao fim, trazendo consigo números impressionantes. De acordo com o site da autora J. K. Rowling, atualmente fora do ar para a elaboração de um novo site, mais de 400 milhões de cópias foram vendidas e os livros foram traduzidos para 69 idiomas. O que começou com um tímido primeiro livro se transformou rapidamente em um império altamente interessante e lucrativo. A escritora J. K. Rowling teve sua obra recentemente reconhecida e premiada em 2010, quando ganhou o Hans Christian Andersen *Literature Prize*, o mais prestigiado prêmio da literatura infantojuvenil.

O foco preferencial dado aos *bestsellers*, neste trabalho, será o da formação de comunidades de leitores e da sua recepção das obras. Leitores de *Harry Potter* que se reúnem de tempos em tempos em uma biblioteca pública de Belo Horizonte responderam um questionário, instrumento utilizado para uma primeira aproximação das suas disposições.

Enfim, este trabalho tem como foco buscar compreender o que move o público-leitor na leitura desses livros, ou como afirmou o escritor Luiz Antônio Aguiar, investigar

o que leva a garotada a encarar sofregamente livros que, no terceiro episódio, ultrapassaram 300 páginas e que, no quarto, chegarão a 700; enquanto muitas editoras têm restrições contra originais de mais de 100 páginas para o mesmo público. É o que faz aquele caldeirão nas livrarias estar sempre borbulhando de livros. (Jornal do Brasil, Suplemento Ideias, 13/01/2001)

E mais que isso, o trabalho prevê ainda a aproximação de alguns desses leitores, para verificar que outros livros lhes interessam.

2. Quando o livro não é só o livro

A convivência com os chamados *bestsellers*, definido por Sodré (1985) como “todo tipo de narrativa produzida a partir de uma intenção industrial de atingir um público muito amplo” (pag. 75), não é um fenômeno de leitura do século XX ou XXI. Entretanto, a

produção de uma literatura de massa, voltada para o consumo em grande escala, cresceu consideravelmente somente nas últimas décadas, instaurando o debate sobre a leitura de livros que são sucesso de vendas e que surgem acompanhados de uma série de outros produtos que alimentam a sua venda. Esta discussão vem sendo realizada em artigos de crítica literária que procuram, sobretudo, debater sobre o tema do ponto de vista da qualidade literária desses textos, pois o livro não é mais só o livro. Borelli analisou as condições de produção da série pela editora Gallimard e concluiu que

Um dos pontos em destaque nesse conjunto de mudanças diz respeito aos mecanismos de migração do livro para outras formas culturais, nas quais estão envolvidos, além da palavra escrita, imagens e sons que resultam em produtos de perfil multimidiáticos e intertextuais: o livro vira filme, jogos eletrônicos, etc. (BORELLI, 2010, p. 385/386)

No artigo intitulado “A literatura e a versatilidade dos leitores”, Machado e Martins, discutem algumas mudanças operadas nos últimos anos quanto ao conceito de leitura, no campo de discussões sobre a formação de leitores:

O que significa produzir leitura neste momento histórico, com todos esses artefatos culturais que convivem em permanente disputa? O que significa produzir leitura literária nesse contexto? O que significa formar leitores autônomos, sensíveis, críticos e, sobretudo, versáteis, face aos recursos a que esses leitores têm acesso, a fim de que construam cada vez melhores condições de acesso, especialmente para o conhecimento da arte? (MACHADO; MARTINS, 2011, p. 30)

As autoras concluem que a discussão das condições atuais da leitura de livros literários necessariamente deve incluir a discussão sobre as diversas mídias que com eles disputam o interesse de crianças, jovens (e acrescentamos aqui, de adultos). Na verdade, para esses leitores não se trata de uma disputa, mas de uma convivência de linguagens em torno de um mesmo objeto cultural. Em época de multiletramentos, as autoras alertam para o fato de que esses leitores são muitas vezes muito mais versáteis do que se imagina, daí concluem que professores e outros mediadores de leitura têm muito o que aprender com leitores que estão abertos a experiências que transitam bem de uma linguagem a outra, não isolando as produções culturais, entre as quais a literária sob a forma de livro.

Os meios tecnológicos têm dividido o interesse dos jovens no que diz respeito à experiência ficcional. A internet tem trazido grandes contribuições para a troca de informações entre leitores, através de blogs, sites de relacionamento e outros dispositivos virtuais que permitem uma comunicação simultânea com diversos leitores. A leitura do impresso, ao contrário dessas outras experiências, é um ato de solidão, de quietude, um ato do leitor com ele mesmo, e que necessita de tempo e dedicação.

Existem muitas discussões a respeito dos suportes da leitura na atualidade, que foram iniciadas com o advento da televisão. Cecília Meireles (1951) já mostrava preocupação com a influência da televisão e dos meios de comunicação na vida de jovens e crianças. Apesar de não ter convivido na era digital, ela se preocupava com os novos meios de comunicação que estavam modificando a sociedade da década de 50. Hoje essa discussão ganhou em complexidade e alcança inúmeros meios e suportes de leitura que nos levam a indagar: como compreender as simultaneidades dos suportes e gêneros da leitura que implicam diferentes formas de interação? Como lidar com essa velocidade das informações? Qual o papel e o lugar dessa nova sociedade transformada pela tecnologia?

Não podemos afirmar nem mesmo que o suporte livro seja o mesmo e que siga inalterado. Os livros digitais, também conhecidos como *ebooks* estão transformando o modo como a leitura é realizada. Nos modelos mais modernos, até 3.500 livros podem ser armazenados no pequeno dispositivo eletrônico. As páginas são passadas com um leve toque na tela e algumas baterias podem durar até um mês. De um lado, temos a tecnologia a serviço da leitura. Do outro, temos a nostalgia do livro-papel, o tato, o cheiro, tão característico, e a não-dependência da bateria para desfrutarmos da companhia dos nossos mais favoritos personagens e exemplares, sempre que temos o desejo de reler e viver suas histórias. Os *ebooks* são uma prova de que a tecnologia pode também lançar sua magia na direção da literatura. As multiplicações das mídias imprimem outros modos de leitura e podem até mesmo trazer implicações quanto à construção de sentidos para o texto. O livro-papel dialoga, nesse contexto efervescente de novidades tecnológicas, pode ser lido em tempo real com a história contada pelo filme, e com a troca de informações diversas pelos leitores em sites de relacionamento e comunidades virtuais.

E onde estão esses leitores? A leitura, uma atividade antes bem solitária, atualmente pode ser compartilhada com milhares de leitores ao mesmo tempo e em qualquer lugar. As redes sociais e comunidades de leitores na internet para discutir determinados temas, inclusive o da leitura, crescem a cada dia. Uma rápida busca no Google, site de pesquisas de páginas da internet, mostrava, em fevereiro de 2012, o impressionante número de 730.000,000 referências ao bruxo Harry Potter. Grande parte desse material é produzido por fãs da série que trocam informações, opiniões e discutem o conteúdo dos livros com outros entusiasmados leitores. Sites de relacionamento como *facebook* e *orkut* apresentam comunidades específicas para os fãs, a maior parte criada com a intenção de procurar outros leitores para dividir suas opiniões, inquietações e experiências.

Não é possível, portanto, entender a leitura desses livros sem se levar em conta o quadro complexo do contexto de produção, circulação e recepção que os diferenciam das formas tradicionais de leitura da literatura.

3. Os jovens de hoje não leem?

Um dos clichês atuais acerca da leitura é afirmar que os jovens não gostam de ler. Em contrapartida a essa afirmação, podemos encontrar dados de vendas, de pesquisas sobre os interesses de leitura, de comunidades virtuais da internet, que se contrapõem a essa ideia e que apontam um forte movimento de leitura provocados por livros como *Harry Potter* e *Crepúsculo*, para citar dois fenômenos editoriais recentes ocorridos também no Brasil. *Harry Potter* vendeu aproximadamente 400 milhões de cópias, como já citado, e *Crepúsculo* 116 milhões, números nada desprezíveis que representam uma mobilização expressiva de leitores. A proporção e o alcance desses livros são impressionantes e é necessário estudar os usos que essa nova geração, influenciada pelos *bestsellers*, fará da leitura, dando continuidade à sua formação literária.

Os críticos de literatura se dividem quando o assunto é *Harry Potter*. Ceccantini (2005), aponta alguns críticos que se opuseram à série. Harold Bloom, no âmbito internacional, e Marina Colasanti, no âmbito nacional, se mostraram grandes combatentes à obra. Entre os argumentos desses críticos, os que mais se destacam são a quantidade de clichês que as obras apresentam e a desconfiança quanto ao fenômeno de mercado que alimenta a sua leitura e circulação. Segundo eles, esses livros são produzidos para vender, e a qualidade literária é questionável. Bloom radicaliza indagando se é melhor que os jovens leiam Rowling do que absolutamente nada e duvida se os leitores irão avançar de Rowling para prazeres mais difíceis. Marina Colasanti argumenta principalmente sobre a força de marketing empregada na venda dos livros, com os grandes lançamentos dos novos

exemplares, sempre cercados de muito mistério e de eventos no mundo inteiro. Ela também traz para nossa reflexão a falta de apoio ao lançamento de livros brasileiros, e gostaria que o mesmo entusiasmo aplicado a *Harry Potter* fosse dedicado aos autores nacionais.

Machado (2003) reforça o papel das estratégias empregadas no lançamento dos livros da série no Brasil, quando afirma que *Harry Potter* foi considerado um fenômeno editorial, mobilizando não somente leitores jovens, como também crianças e adultos. Com uma campanha arrebatadora, seu sucesso é explicado em grande parte por suas estratégias de marketing. Cada novo livro publicado vem acompanhado de diversas promoções, eventos e produtos como jogos, filmes, brinquedos.

Alguns autores reconhecem essas estratégias, mas ponderam que existem outros aspectos que devem ser avaliados para se compreender o interesse dos leitores. Jacoby (2005) critica a teoria de que apenas o marketing explicaria o sucesso alcançado pela série.

Que a mídia tivesse influenciado uma parte dos leitores na aquisição do primeiro volume passa, mas, ainda assim, resta o trabalhoso exercício de vencer quase trezentas páginas de leitura para quem estaria sendo motivado apenas pela curiosidade ou modismo. (JACOBY, 2005, p. 108)

Jacoby contesta diversos argumentos levantados e defendidos por Bloom. Ela critica, principalmente, a concepção de cânone de Bloom, que parece desconsiderar a opinião dos próprios leitores e prefere ele mesmo eleger o que deve ser lido pelo público infantojuvenil. Ela relembra o exemplo de *O mágico de Oz*, que na época de seu lançamento foi considerado uma narrativa de linguagem muito simples e que rapidamente se tornou um sucesso entre os públicos infantil e adulto, e que hoje é considerado um clássico da literatura infantojuvenil.

4. Por que os jovens gostam de Harry Potter

A discussão sobre leitores que tiveram sua trajetória marcada pela leitura de um *bestseller* vem preencher uma lacuna na produção acadêmica sobre a leitura literária e a formação de leitores. Propõe-se compreender os efeitos da literatura sobre leitores considerados resistentes à leitura, mas que surpreendem ao manifestar forte interesse por certos livros ou autores. Conhecer as práticas de leitura, portanto, trará uma contribuição tanto para o campo de estudos da leitura escolar como para o da não escolar, que acontecem à revelia da escola. No campo escolar, professores preocupados com o que interessa aos alunos podem se valer deste estudo para melhor ouvirem seus alunos sobre as suas preferências literárias como também para os orientarem na escolha de outras leituras, que constituam a ampliação de repertórios. No campo não escolar, bibliotecários, livreiros e principalmente os pais poderão encontrar suporte para dialogar com os jovens sobre a literatura, em suas diferentes propostas estéticas.

Um debate de grande importância é o a respeito do que se considera “verdadeira literatura”, em oposição ao que os leitores desfrutam ao lerem determinadas obras. Essa discussão destaca a posição do sujeito na escolha de seus livros, num universo onde a voz do leitor é quase imperceptível. Sissa Jacoby (2005) discorda dessa visão e recomenda como mais acertado não somente considerar a opinião dos críticos, mas também das crianças que leem a literatura a elas dirigida, ideia que neste trabalho pode ser estendida aos jovens. Jacoby faz uma crítica a essa abordagem lembrando o que Cecília Meirelles, há mais de meio século, já afirmava:

Ao invés de se classificar e julgar o livro infantil, como habitualmente se faz, pelo critério comum da opinião dos adultos, mais acertado parece submetê-lo ao uso – não estou dizendo crítica – da criança, que afinal, sendo a pessoa

diretamente interessada por essa leitura, manifestará, pela sua preferência, se ela a satisfaz ou não. (MEIRELES, apud JACOBY, 2005 p. 110).

Portanto, dar voz aos mais interessados é uma das principais maneiras de se descobrir o que os jovens gostam de ler porque o gosto literário é algo que se constrói com práticas sociais, culturais e educativas. Como destinatários desse texto, sua opinião não pode ser desconsiderada. Teresa Colomer (2003), afirma que

Uns autores, sentindo-se legitimados por sua cultura adulta, se aplicaram em estabelecer uma hierarquia literária e um *corpus* canônico dos melhores livros, a partir de critérios idênticos aos utilizados para a literatura de adultos... (COLOMER, 2003, pag. 46)

É preciso, portanto, ouvir os jovens leitores sobre o que os motiva a ler a literatura. E é a magia e o sobrenatural, atualmente, um dos assuntos relevantes quando o tema é literatura que agrada aos jovens. O que isso pode nos dizer sobre o que buscam esses jovens na literatura? Paralelamente à velocidade alucinante de informação e a disputa com os meios de comunicação e principalmente a *internet*, alguns fenômenos chamam a atenção pela adesão em massa de leitores ávidos pelas aventuras de certos personagens, especialmente as de vampiros e bruxos.

5. Com a palavra os leitores

Os leitores de Harry Potter que gentilmente responderam aos questionários que parcialmente serão analisados neste trabalho são frequentadores da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, em Belo Horizonte. Eles participaram do terceiro encontro realizado na biblioteca chamado *Convenção: Manhã com Harry Potter*, promovido semestralmente pelos coordenadores e bibliotecários da divisão infantojuvenil. Durante esses encontros, são promovidas atividades que levam os leitores a conversarem sobre a série e a produzirem materiais diversificados, como cartas à autora e histórias baseadas na série.

O terceiro encontro, realizado no dia 3 de dezembro de 2011, contou com a participação de aproximadamente 50 pessoas, entre pais, crianças e jovens. Antes da convenção, diversos materiais – varinhas de vários personagens, embalagens, garrafas e outros tantos objetos “mágicos” que foram emprestados por fãs da série – ficaram em exposição por aproximadamente 15 dias, até data do evento. Para além desse material, reportagens de jornais e revistas sobre o universo de Harry Potter se encontravam também à disposição dos leitores, juntamente com outros livros sobre o tema, publicados pela autora da série e por outros escritores.

O encontro teve início com a apresentação de um dos frequentadores da biblioteca que tocou a música tema dos filmes no teclado. Observa-se por este e outros aspectos que se apresentaram no encontro de leitores uma convergência entre a leitura dos livros e o universo cinematográfico criado a partir da obra de Rowling, bem como da trilha sonora criada especialmente para os filmes, que acabou por se tornar uma marca registrada da série.

Posteriormente, tivemos a leitura, por parte de um dos participantes, de uma paródia baseada nas aventuras do pequeno bruxo. A partir disso, os participantes foram divididos em 5 grupos e foi proposto que cada grupo criasse uma nova história baseada no universo *Harry Potter*. Após a criação da história, o coordenador do evento e bibliotecário mostrou ao grupo que participava da atividade uma máquina antiga capaz fazer pequenos filmes em papel vegetal. Depois de explicar o funcionamento da máquina e de todos conhecerem aquela “tecnologia”, os participantes foram, então, convidados a ilustrar a história que haviam criado, para que ela fosse transformada em filme e reproduzida para os demais grupos.

O questionário foi aplicado nesse clima de produção coletiva em torno da série. Previamente à aplicação do questionário, foi realizado um levantamento de dados no sistema da biblioteca. Em dezembro de 2011, o acervo da biblioteca contava com o seguinte número de exemplares disponíveis para cada obra (para evitar-se a repetição, será omitido o título comum a todos os livros: Harry Potter; apresentados aqui por ordem de lançamento): *e a Pedra Filosofal*, 11 exemplares; *e a Câmara Secreta*, 9 exemplares; e o *Prisioneiro de Azkaban*, 4 exemplares; e o *Cálice de Fogo*, 6 exemplares; e a *Ordem da Fênix*, 4 exemplares; e o *Enigma do Príncipe*, 8 exemplares; e *as Relíquias da Morte*, 8 exemplares. Os livros são tão procurados pelos frequentadores da biblioteca que ficam em uma área especial, atrás do balcão dos bibliotecários, para facilitar e agilizar o processo de empréstimo. A biblioteca também conta com alguns exemplares em língua inglesa e espanhola. Buscando-se no sistema da biblioteca o relatório de títulos mais emprestados desde 2000, quando o sistema foi informatizado, encontramos os livros da série entre 15 mais emprestados, sendo que cinco livros, de um total de sete, ocupavam as cinco primeiras posições.

O livro mais emprestado da divisão infantojuvenil é *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (disponibilizado a partir de dezembro de 2000), com 700 empréstimos; em segundo lugar aparece *e a Câmara Secreta*, disponibilizado na mesma época que o anterior e com 596 empréstimos; em terceiro lugar aparece o terceiro livro, *e o Prisioneiro de Azkaban*, adquirido em março de 2001, com 450; em quarto lugar *e o Cálice de Fogo*, disponível a partir de agosto de 2001, com 441; em quinto lugar *e o Enigma do Príncipe* (sexto livro publicado pela autora) disponível em dezembro de 2005 com 439 empréstimos; em oitavo lugar *e a Ordem da Fênix* (quinto livro da série), adquirido em junho de 2004 com 338; e em décimo terceiro lugar na lista de livros mais emprestados encontra-se *e as Relíquias da Morte*, disponibilizado em novembro de 2008, com 236. Percebe-se, neste breve levantamento, um decréscimo ano a ano, no que diz respeito à procura pelos livros recém-lançados.

Pretendeu-se, por meio do questionário, constatar, entre outros aspectos, se há uma relação entre a leitura de *bestsellers* e outras leituras dos jovens, verificando-se se, a partir desse contato inicial e supostamente prazeroso com a literatura, os jovens sentem-se instigados a buscarem outros livros e textos. Em resumo, buscou-se compreender se um *bestseller* poderia levar à leitura de outras obras da literatura, o que se traduz pela pergunta: qual o papel dos *bestsellers* na formação de leitores jovens?

Responderam ao questionário um total de 22 jovens (15 do sexo feminino e 7 do sexo masculino), com a idade entre 9 e 23 anos, sendo 11 participantes menores de 14 anos e 11 maiores. Do grupo, 15 pessoas já haviam lido todos os livros da série. À pergunta sobre como conheceram os livros obteve um maior número de resposta a opção ‘por meio do filme’ e, em segundo lugar, ‘pela indicação de amigos’. Aproximadamente a metade dos participantes indicaram o filme como principal meio de conhecimento da série, o que leva a supor que a partir da versão cinematográfica começaram a se interessar pelos livros. A influência da indústria do cinema na divulgação e venda dos livros é um dado relevante para o sucesso da série. No Brasil, o primeiro livro, *Harry Potter e a Pedra Filosofal* e o primeiro filme foram disponibilizados ao público com um curto intervalo de tempo, aproximadamente de um ano, e a exibição do filme levou a uma grande corrida às livrarias do país em busca dos três primeiros livros.

Borelli (2005) apresenta em sua tese “Harry Potter: campo literário e mercado, livro e matrizes culturais” uma análise bem aprofundada, baseada nos dados das listas de livros mais vendidos publicadas no caderno Mais!, da *Folha de São Paulo*. A análise desses dados, até o lançamento do terceiro filme, em 2004, mostra que, logo depois do lançamento dos filmes, houve um aumento de vendas dos livros. Depois disso, verificou-se que essa relação não mais se sustenta, ou seja, os novos filmes não conseguem impulsionar uma maior venda de livros do mesmo modo que os primeiros.

O papel do cinema no desempenho das vendas dos livros – fenômeno semelhante pode ser observado em outros livros que foram adaptados para as telas do cinema, como *O Senhor dos Anéis*, *As crônicas de Nárnia*, *Eragon*, *Crepúsculo* e outros que passaram pelo mesmo processo – é considerável e também um importante fator no momento de se analisar o interesse pelos livros por jovens, cujas leituras misturam a narrativa literária à narrativa fílmica. Não se observa, portanto, a lógica da substituição do filme pelo livro, o que se percebe é um produto cultural alimentando ou estimulando a recepção do outro. Outro fator apontado no questionário como estimulador da leitura da série é o da rede construída pelos próprios leitores, que acabam por envolver novos leitores de *Harry Potter* em suas comunidades. Das vinte e duas pessoas entrevistadas, sete afirmaram que ficaram conhecendo a série através da indicação de um amigo. É importante considerar que os livros foram inicialmente endereçados ao público infantojuvenil, e que, nessa idade, a maioria dos jovens sente a necessidade de pertencimento a um grupo, de compartilhar experiências comuns, de encontrar seus pares.

Um pequeno número de sujeitos, apenas dois, disseram que conheceram os livros através da exposição em livrarias. Interessante observar que esses livros ganharam bastante destaque na maioria das livrarias brasileiras, tornando o seu acesso e eventual localização muito mais fácil do que a grande maioria dos livros destinados a esse público.

6. Considerações finais

Os dados do questionário mostram que não se pode supor que a leitura desses livros seja baseada somente em estratégias de marketing ou apenas no desejo de pertencimento a um grupo pelos jovens do grupo selecionado. Essa suposição não seriam suficientes para explicar a continuidade do interesse pela leitura da série durante uma década (na Inglaterra, os livros foram publicados entre 1997 e 2007), mesmo sendo os livros cada vez maiores em extensão e mais desafiadores. Há que se considerar também que a circulação dos livros criou um circuito independente dos circuitos de formação de leitores, que, no Brasil, tradicionalmente, passam pela escola. Vinte dos jovens do grupo responderam estar lendo um livro quando foi aplicado o questionário, e desses vinte, dezoito afirmaram que o livro foi uma escolha voluntária dos leitores, sem indicação escolar. A leitura desses livros por leitores jovens não deve, portanto, ser menosprezada quando se propõem políticas de formação na escola e fora dela.

7. Referências Bibliográficas:

BLOOM, Harold. *How to read Harry Potter and why*. Disponível em: <http://www.leiabrasil.org.br/textos/visualizartexto.aspx?id=236>. Acessado em: 21 de setembro de 2010

BORELLI, Silvia Helena Simões. *Ação, suspense, emoção: literatura de massa no Brasil*. São Paulo: EDUC: Estação Liberdade, 1996

BORELLI, Silvia H. S. *Harry Potter: campo literário e mercado, livro e matrizes culturais*. 2006. 227 f. Tese (livre docência) – Faculdade de Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

BORELLI, Silvia H. S. *Campo editorial e mercado: a série Harry Potter*. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (orgs.). *Impresso no Brasil: Dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

- CADEMARTORI, Ligia. *O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CECCANTINI, João Luís C. T. Leitores de Harry Potter: do negócio à negociação da leitura. In: RETTENMAIER, Miguel e JACOBY, Sissa. (Org.) *Além da plataforma nove e meia: pensando o fenômeno Harry Potter*. Passo Fundo: UFP, 2005. p. 23-52
- COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário*. São Paulo: Global, 2003.
- JACOBY, Sissa. Harry Potter: ou isto ou aquilo. In: RETTENMAIER, Miguel e JACOBY, Sissa.(Org.) *Além da plataforma nove e meia: pensando o fenômeno Harry Potter*. Passo Fundo: UFP, 2005. p. 103-119.
- CUNHA, Juliana (2009). “Para gostar de ler”. Folha de São Paulo, Folhateen, 23 de março de 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm2303200912.htm>> .
Acesso em: 13 maio 2010
- LIGNANI, Ângela Maria. A recepção crítica de Harry Potter e as estratégias midiáticas de consagração. In: PAULINO, Graça e COSSON, Rildo. (Org.) *Leitura literária: a mediação escolar*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004. p. 121-130
- MACHADO, Maria Zélia Versiani; PAULINO, Maria das Gracas Rodrigues
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. *A literatura e suas apropriações por leitores jovens*. 2003. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação
- MARTINS, Aracy Alves (et al.) Organizadoras. *Livros & Telas*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2011.
- MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1951. 159 p.
- SODRÉ, Muniz. *Best-Seller: a literatura de mercado*. São Paulo: Ática, 1985.